

tenho que começar a curar de novo. Estremeço ao pensar em que outra parte do corpo ela

pode tentar morder. Sei que lhe dei prazer uma e outra vez — e ela sabe o que vai acontecer com ela se tentar fugir — mas não posso correr meus riscos.

Às vezes eu quero, no entanto. Frequentemente. Mais uma prova daquela boceta, mais um aperto forte dentro dela. Quero sentir o jeito que ela treme no meu pau quando ela está gozando. Quero ouvir seus pequenos ruídos ofegantes e gananciosos enquanto ela

termina, o paraíso que só eu posso fazê-la ver.

E agora, ela está parada na minha frente com um olhar carnal em seu rosto doce. Que justaposição — um demônio e um anjo em um, e ela está nua, amarrada e acorrentada.

Seguro um pano molhado na mão, oferecendo a ela da tina. Eu o trouxe da minha casa de campo, imaginando que era uma maneira mais digna de tomar banho do que de um balde.

“Achei que, já que você não tem mais rabo, você provavelmente deveria se banhar.”

Eu afrouxei a corrente o suficiente para que ela pudesse falar, embora abafado e arrastado às vezes. “Você vai ter que me desamarrar primeiro,” ela diz docemente, mostrando-me seus pulsos.

Ela só parece inocente. Eu sei o que essas garras podem fazer.

Quando eu não me movo para ela, ela revira os olhos e sobe na banheira, seu longo cabelo loiro-trigo caindo sobre seu ombro como uma pintura do início da Renascença. “Tudo bem,” ela diz em uma voz dura e abafada. “Então você será a única a me dar banho.”

Eu exalo pesadamente e aceno. “Tudo bem.”

Ela se senta na banheira, a água mal a cobrindo. Está congelando já que eu não consegui aquecê-la, mas ela não parece notar. Eu suponho que essa seja outra parte de seu eu Syren que se manteve desde que ela costumava nadar nas águas da costa, repletas de pinguins e plataformas flutuantes de gelo.

“Conte-me algo sobre você”, eu digo enquanto esfrego uma fatia de sabão de azeite na toalha e aplico em seus ombros. Sua pele é tão macia e suave que desliza sobre ela. “Conte-me sobre onde você estava morando antes de eu te encontrar.”

“Morando?” ela diz com um bufo. “Eu estava morando em todos os lugares.”

“Mas vocês vivem em grupos, em colônias, não é?”

“Eu disse que estava sozinha”, ela diz enquanto eu coloco o pano ensaboado sobre suas costas.